

A educação para o consumo como instrumento da Educação Ambiental

Angelo Boreggio Neto¹

INTRODUÇÃO

A sociedade evolui a passos largos e o aumento do consumo é diretamente Proporcional à evolução desta. Com o passar do tempo surgiram inúmeras leis para a proteção do consumidor, demonstrando com isso a necessidade da proteção desta relação jurídica, que passa a ser imprescindível para a vida moderna.

A título de elucidação, em tempos bem remotos, já havia a preocupação de proteger a relação de consumo, assim, o Código Hammurabi (2300 a.C.) previa, ainda que de forma indireta, a proteção do consumidor. Por exemplo, a Lei 233 obrigava o arquiteto a refazer ou assumir os custos da reconstrução de casa construída por ele se, por hipótese, as paredes viessem a apresentar vícios.

Mais à frente, na Europa Medieval – A França de Luiz XI (481) – punia com banho escaldante aquele que vendesse manteiga com pedra no interior para aumentar o peso, ou leite com água para aumentar o volume.

Em tempos atuais, no Brasil, ano de 1988, foi criada nossa Constituição Federal que apresenta a defesa do consumidor como princípio de ordem econômica, em seu artigo 5, XXXII, da seguinte forma: "o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor;"

Determinou também a criação do Código de Defesa do Consumidor em 120 dias da sua publicação, no artigo 48 do Ato de Disposições Transitórias da Constituição Federal, culminando na publicação do CDC em 1990 (Lei 8.078/90).

A mesma Lei Maior, em seu artigo 225, trouxe a obrigação do Estado em proteger o ambiente, determinando que: "Todos têm direito ao meio ambiente

¹ Professor da Universidade de Cuiabá - UNIC, advogado, especialista em Direito Tributário pela PUC/SP, mestrando pela UFMT.

ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações".

E foi além, preocupou-se também com a educação ambiental em seu inciso VI, assim: "promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;".

Contudo, não basta apenas existir a Constituição e leis avançadíssimas para a proteção do consumidor, sem a efetiva sensibilização ambiental, posto que a necessidade crescente do TER gera consequências gravíssimas no SER, já que o consumo desenfreado promove o excesso de detritos sólidos que degradam o ambiente de forma, muitas vezes, irreversível.

O consumismo é o vilão da sociedade moderna capitalista que se sustenta pela produção em larga escala, em especial no pós-revolução industrial. Hoje, por meio das habilidosas publicidades, a massa é estimulada a adquirir cada vez mais, ainda que supérflua a coisa, e como consequência há o aumento da produção, que precisa de matéria-prima e energia, nem sempre renováveis (um dia se esgota), como por exemplo, o petróleo e o carvão mineral.

Com a agenda 21 criada na reunião das Nações Unidas Rio 92, passou a ser discutido e divulgado o conceito *consumo sustentável*, que é na realidade a mudança no padrão de consumo, onde deve ser observado não apenas a satisfação pessoal gerada pela aquisição, mas principalmente a consequência desta no ambiente. Assim, é pensar também nas gerações futuras, pois é certo que se a geração atual souber usar os recursos naturais que são fontes da produção visando ao mercado de consumo, não faltará para as gerações vindouras.

Também foi muito discutido o desenvolvimento sustentável pela busca da "qualidade de vida", sendo deveras importante salientar que a "qualidade de vida" mencionada é indissociável do processo consumerista, o adquirir, o TER nos dias atuais é tido como sinônimo do "viver bem", assim cada vez mais estimulado.

Mister se faz necessário, contudo, elucidar ao cidadão consumidor as implicações lógicas geradas ao ambiente pelo TER descomedido.

Aconselha-se que o consumidor deva tomar algumas precauções a fim de se realizar o consumo sustentável, ou seja, o emprego dos recursos sustentáveis de modo que atenda as suas necessidades, todavia sem o comprometimento das necessidades e anseios das gerações vindouras.

Por exemplo, observar as informações que o produto contém, no sentido de evitar adquirir produtos que não tenham embalagem recicláveis ou reutilizáveis, verificar a real necessidade do produto, e não apenas o "ter por ter" e atenção para não ser iludido com certas publicidades manipuladoras, que levam o consumidor a erro, verificar se o produto ao ser produzido não depredou O ambiente, se tem certificação ambiental e se é um produto que tenha uma boa durabilidade.

Isso porque, normalmente, o produto não some com utilização e acaba por gerar detritos sólidos lançados no ambiente para a decomposição natural, o que pode levar meses, décadas, anos ou milênios, de tal modo que o ambiente é severamente lesado, visto que, por exemplo, tais detritos ficam largados nos tão famigerados lixões, que ferem de morte o lençol freático ou ainda são queimados gerando efeitos nocivos na atmosfera.

Para a decomposição natural, além dos problemas apresentados, é importante lembrar os dados apresentados na tabela abaixo, e com isso atenção, consumidor, com o efeito que o produto adquirido poderá gerar ao ambiente!

| ITENS | TEMPO DE DECOMPOSIÇÃO |
|-------------------|------------------------------|
| Papel | de 3 a 6 meses |
| Panos | de 6 meses a um ano |
| Filtro de cigarro | mais de cinco anos |
| Madeira pintada | mais de 13 anos |
| Náilon | mais de 20 anos |
| Metal | mais de 100 anos |
| Alumínio | mais de 200 anos |
| Plástico | mais de 400 anos |
| Vidro | mais de mil anos |
| Borracha | indeterminado |

Dessa forma, resta claro que a fúria consumista não tem limites, quanto mais se tem mais se quer. Contudo, os recursos naturais para a exploração de matéria-prima são limitados e logo se esgotarão. Necessário se faz então a prática do consumo sustentável para a sobrevivência das gerações futuras.

A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL E O GRAU DE DESENVOLVIMENTO DOS PAÍSES

Constata-se em alguns momentos que a questão da degradação ambiental, por conta do consumo desorientado, faz relação bastante próxima quanto ao desenvolvimento do país, a problemática é diversa na dependência do grau de desenvolvimento.

Nos países subdesenvolvidos e os emergentes, como no caso do Brasil, a questão é bastante complexa em especial no tange à pobreza crescente que vive grande parte de sua população, gerando reflexos em suas moradias, e na forma de consumir.

Locais de moradia suburbana, com esgotos não canalizados, despeja dos todos os dejetos sólidos ou não em córregos, fossas ou a céu aberto de maneira desordenada, atingindo o lençol freático, e comprometendo o sistema.

Nessas regiões, é hábito da população queimar seu lixo ou lançá-lo em qualquer rio ou terreno baldio sem se preocupar, até porque não tem acesso à informação, com as consequências ao ambiente.

Nesse sentido, o ilustre professor Charles C. Mueller leciona:

O meio-ambiente, por sua vez, possui certa resiliência, ou seja, alguma capacidade de se auto-regenerar das agressões do sistema econômico. Entretanto, essa resiliência tem limites. Uma agressão muito forte pode produzir, se não ruptura, pelo menos situações críticas. O comprometimento da resiliência do meio-ambiente pode provocar situações irreversíveis, afetando dramaticamente o funcionamento do sistema econômico. É o que acontece, por exemplo, em nível de um ecossistema menor, com áreas que experimentam o processo de desertificação.²

A preocupação é ainda maior visto o desrespeito dos governantes de países emergentes com a qualidade ambiental, em decorrência da falta de investimento suficiente em saneamento básico, estrutura de incineração de detritos sólidos eficiente, limpeza de rios e mangues já poluídos, preservação em geral e em especial educação ambiental que tem por objetivo evitar e sensibilizar a população quanto a importância de preservar o meio.

² Mueller, Charles C. Manual de Economia do Meio-Ambiente - Versão revista - abril de 2001 - UNB - NEPAMA, vol. 1. p. 7

Sob outra ótica, vale mencionar que os países desenvolvidos também têm seu grau de responsabilidade na destruição de nosso planeta azul, por motivos diversos dos que atingem os países emergentes, mas de efeitos tão ou mais severos.

Nesses países, a alta tecnologia e o desenvolvimento acabam esbarrando em valores ambientais muitas vezes relegados, quando da instalação de indústrias com alto potencial de poluição com a emissão de gases tóxicos em larga escala, o excesso de carros muitas vezes ainda sem o filtro de proteção, utilização em agricultura de venenos perigosíssimos que acabam atingindo o lençol freático e o desmatamento constante para a produção do capital (importante notar que estes problemas também são encontrados nos países emergentes, contudo em menor escala).

A situação fica ainda pior, quando o mundo inteiro se reúne em tentativa de diminuir a degradação ambiental, sempre decorrente da necessidade exacerbada de consumo, e países ditos como de primeiro mundo, ou países ricos, simplesmente se negam a assinar acordos e tratados por conta do mesquinho capital que de certa forma é priorizado por eles, como foi o caso do tratado de Kyoto que os Estados Unidos da América até a presente data não assinou por interesses escusos.

Conforme a festejada doutrinadora Heloísa D. Penteado ensina:

Segundo dados do Programa da ONU para o Meio Ambiente de 1992, a participação dos países do mundo na produção de lixo tóxico em milhões de toneladas por ano, durante a década de 80, foi a seguinte:

| Produtores | Lixo Tóxico Milhões de toneladas/ano |
|---------------------|--------------------------------------|
| EUA | 275 |
| Europa Ocidental | 25 |
| Europa Oriental | 22 |
| Restante do Planeta | 19 |

E continua: "Os Estados Unidos despejaram na atmosfera um bilhão de toneladas de gás carbônico, em 1990, enquanto que o Brasil, nesse mesmo ano, despejou 610 milhões de toneladas."³

Com esses dados, resta claro que em nada importa o grau de desenvolvimento do país, ocorre que todos degradam o ambiente, uns mais e outros menos, depende da ótica de análise, apenas o modo de degradar é diferente.

Frisa-se ainda que a poluição está diretamente relacionada com o grau de consumismo do país, posto que o consumo gera riqueza e, por conta do famigerado capital, valores como a preservação ambiental, que se pode até dizer preservação da vida, são absolutamente relativizados.

O CONSUMO INADVERTIDO DA ÁGUA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A questão da água chegou ao limite, se não começarmos imediatamente a cuidar de nossos mananciais, no sentido de recuperar e também evitar novas lesões, em pouquíssimo tempo deixaremos de ter esta grande fonte de vida.

Vários países já passam atualmente por problemas gravíssimos de abastecimento de água por conta de não terem cuidado em tempo de seus recursos hídricos, na doce ilusão de que água é um recurso inesgotável. Ledo engano, esgota-se sim, aliás, é bem ameaçado de extinção, tanto é fato que hoje alguns países racionam até mesmo o tempo de banho de cada cidadão.

Ocorre que, como já asseveramos, os governantes de países, em qualquer grau de desenvolvimento, pouco se preocupam com a qualidade ambiental, e no tocante à água, esta é absolutamente esquecida no sentido de que as políticas de proteção a este bem são fracas, às vezes impraticáveis, ou ainda sem sanção temerária ao infrator, o que possibilita a utilização desregrada da água, causando por consequência a degradação.

É relevante informar que 97% da água do planeta é salgada e 2% solidificadas nas geleiras, restando apenas singelo 1% de água doce. Deste, somente 0,7% é água potável e portanto pronta para consumir. Dado fundamental é que 70% da água utilizada é destinada à irrigação.

³ PENTEADO, Heloisa de. *Meio Ambiente e Formação de professores*. 5.ed. São Paulo: Cortez, Coleção Questões de nossa época).

Infelizmente, pelo que se constata, quase ninguém tem conhecimento de dados tão fundamentais para a sobrevivência da humanidade, e o pouco de água que ainda nos resta utilizam erroneamente e de modo temerário, posto que coloca em risco a continuidade do planeta.

Assim, é frequente observar em especial em locais suburbanos a existência de fossas, esgotos a céu aberto, lixo em locais inapropriados, o que gera consequências diretas no ambiente, já que atingem o lençol freático da região e, portanto parte da escassa água potável existente ainda em nossa coletividade. Sem contar os resíduos de agrotóxico largados sem a menor cautela em zonas agrícolas, motivando sequelas incalculáveis.

Mas quanto a relação do consumo com a água, salutar estabelecer que o consumo sustentável da água poderá ser um grande instrumento a fim de minimizar a escassez do bem fundamental à existência do homem, e algumas atitudes são imprescindíveis para adequar o uso e manutenção da água.

Nesse sentido, hábitos aparentemente insignificantes e praticados de modo automático pelo consumidor podem, sem saber, causar males irreversíveis ao ambiente, e ao contrário senso, se o consumidor alterar pequenos hábitos, poderemos manter por muitos milênios nossa fonte de vida - água.

Assim, o simples ato de escovar os dentes a cada refeição e deixar a água escorrer pela torneira, ou ainda tomar aquele gostoso e demorado banho e deixar a água escorrer o tempo todo pelo corpo e pelo *ralo* abaixo, ou então lavar pilhas e mais pilhas de louças sem o cuidado de fechar a torneira, involuntariamente degradam o ambiente de forma contundente. Basta pensar que a fonte de vida desta e das futuras gerações está escorrendo ralo abaixo junto com a água. Apesar de melodramático, é exatamente o que está ocorrendo. O consumidor sensível a estes aspectos certamente repensará seus pequenos e nocivos hábitos.

Também no mesmo sentido, a preservação de mananciais é de vital importância para a proteção da água, e o consumidor também tem uma grande parcela de culpa de sua degradação por hábitos irracionais que podem facilmente ser revertidos, como por exemplo, utilizar detergente biodegradável ao lavar sua louça, e aposentar definitivamente aqueles que contêm fosfato,

posto que são os principais responsáveis pela superprodução de materiais orgânicos em ambientes hídricos; evitar a utilização exagerada de cloro porque ajuda a produzir uma substância denominada dioxina que é altamente prejudicial ao meio ambiente; e ainda, jamais utilizar desodorante que contenha diclorobenzeno que, além de provocar câncer e lesões no fígado, também lesiona o ambiente.

O consumidor que busca preservar o ambiente, e, portanto praticar o consumo sustentável da água, deverá exigir de seus governantes que tratem a rede de esgotos em estação de tratamento própria, bem como que as empresas fabricantes de produtos de limpeza elaborem fórmulas que não agridam o ambiente. E isso é bastante simples de fazer, basta que prefira comprar aqueles produtos que não contenham componentes poluentes, bem como exigir o selo ambiental nos produtos que irá consumir, demonstrando que aquele produto foi fabricado em condições ambientais próprias.

Na zona agrícola, o consumidor deverá exigir, evitando a agressão à água, que se reduza a utilização exagerada de pesticidas e fertilizantes em geral, posto que é sabido que este tipo de produto acaba caindo diretamente no lençol freático da região, poluindo o resto de água potável que ainda nos resta. Também de fundamental importância é pleitear pelo manejo adequado de resíduos sólidos existentes na região agrícola, de modo que não abale o ambiente, ou agrida menos.

Uma estratégia inteligente, ainda tratando da zona agrícola, é reduzir ao máximo a utilização de água potável nestas regiões e para esta finalidade, até porque a utilização da água em áreas agrícolas chega ao alarmante índice de 70% de toda a água consumida, conforme já alinhavado.

Veja que a preservação do ambiente que vivemos depende totalmente de nós, consumidores responsáveis e sensíveis à questão ambiental, que com pouca coisa, meras mudanças de hábitos, chegaremos a revolucionar o mundo.

Com as sábias palavras do inesquecível Chico Mendes, encerro este capítulo:

Nunca mais um companheiro nosso vai derramar o sangue do outro; juntos nós podemos proteger a natureza, que é o lugar onde nossa

gente aprendeu a viver, a criar os filhos e a desenvolver suas capacidades, dentro de um pensamento harmonioso com a natureza, com o meio ambiente e com os seres que habitam aqui.⁴

O CONSUMO SUSTENTÁVEL E O TRANSPORTE

Outro aspecto interessante de se abordar, no que tange ao consumo sustentável, é a questão do transporte e suas consequências para o meio ambiente.

Os gases emitidos por caminhões, carros, ônibus, motocicletas, enfim, automóveis em geral, são causas mais comuns e graves de poluição do ambiente, todavia não podemos prescindir na vida moderna do transporte motorizado, dada a sua rapidez e conforto.

É necessário então achar um denominador comum para solucionar dita diferença. Como o consumidor poderá resolver esta questão? Ele necessita se locomover, mas não pode permitir a degradação ambiental. Este é o dilema a solucionar.

Hoje em dia, o que se verifica é um transporte totalmente equivocado sob o ponto de vista ambiental, visto que utiliza fontes de energia para se locomover não renováveis, como o diesel, derivado direto do petróleo, sendo certo que possui um alto consumo desta energia.

Ademais, a maior parte do transporte é feita com pouquíssimas pessoas ou coisas, assim não é utilizado todo o seu potencial, que gasta a mesma quantidade de energia e polui de igual forma. Sem contar que suscita como consequência da emissão de gases o famigerado efeito estufa determinando o aquecimento do planeta Terra.

Quanto ao mencionado efeito estufa, resta esclarecer que o excesso de gás carbônico lançado na atmosfera, sem ser absorvido pelas plantas e realizada a fotossíntese, se acumula na atmosfera, ocasionando a majoração do men-

⁴ Discurso de Chico Mendes, citado Michel Löwy, *Ecologia e Socialismo*. São Paulo. Cortez. Coleção Questões de Nossa Época, p. 11.

cionado efeito, determinando aumento de temperatura na Terra. Esse é o perigo do tão propalado efeito estufa.

Por consequência do efeito mencionado, algumas mazelas podem atingir o ambiente, como a acidificação do ambiente e seus danos, aumento da temperatura média da Terra, e este aumento de calor acaba por ocasionar outro dano desastroso que é o derretimento de geleiras, e o efeito cascata continua, com isso aumenta o volume de água de mares e oceanos.

Dentre tantos meios de transportes, é curioso informar que o avião é o meio que mais gasta energia, assim como o transporte coletivo sem passageiros ou abaixo de sua capacidade máxima, também gasta muito mais energia.

De outro lado, mister se faz sublinhar que outros transportes coletivos são mais interessantes posto que consomem bem menos energia e, portanto, deveriam ser muito mais utilizados, como são os casos de trens, metrô, ônibus elétricos, etc.

Desta feita, cabe aos consumidores mais uma vez a missão de inverter esses efeitos nocivos, a fim de promover o consumo sustentável do transporte, que significa dizer, a manutenção de todos os tipos de transportes existentes, em favor do conforto e da evolução da sociedade, contudo sem acometer o ambiente.

Para tanto, algumas medidas devem ser tomadas de modo urgente, como a utilização do transporte mais na forma coletiva do que na individual, ou que carregue o máximo de carga possível com menor quantidade de combustível, isso se explica por um único meio de transporte, uma única fonte de poluentes, transportando o maior número de pessoas ou coisas possíveis, ao invés de cada um utilizar uma fonte de poluentes para se locomover, assim, proporcionalmente está se reduzindo a emissão de gases nocivos ao ambiente.

Não esquecendo que devem ser preferidos os meios de transporte que utilizem a menor quantidade de energia possível, como por exemplo, trens, metrô e ônibus elétricos, como já citado, bem como utilizem fontes de energia renováveis, e por consequência, que não poluam e nem sequer causem o aquecimento da Terra, como o efeito estufa.

Algumas medidas também demonstram-se altamente eficazes no combate à poluição por motivo de consumo incorreto do transporte, também a

exemplo da água, medidas de simples mudanças de pequenos hábitos podem ajudar muito o controle da poluição, vejamos: evite ao máximo utilizar seu veículo em horários de congestionamento, reformule sua agenda, não seja mais uma fonte de gás nocivo sem necessidade, assim como, se o trecho percorrido for curto, tente não utilizar seu veículo, faça caminhada ou então utilize transporte sem combustível, como a bicicleta, por exemplo, tão utilizada em alguns países desenvolvidos da Europa.

Outra medida altamente eficaz é a criação do sistema de rodízio, ou como alguns preferem, carona, com seus colegas de trabalho, faculdade e outros pois, dessa forma, maior quantidade de pessoas utilizarão meio de locomoção que será o único meio de poluição. Caso necessite de transporte coletivo, escolha aqueles que não emitam gases tóxicos, como os já explanados neste texto.

Sem embargo, fundamental é a sensibilização da sociedade consumista no sentido de denunciar aos órgãos competentes aqueles veículos que emitam a famigerada fumaça preta, tão nociva ao ambiente e que circula livremente pelas ruas do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema da degradação ambiental está, como demonstrado, intrinsecamente relacionado ao consumo cada vez mais crescente, em especial após a Revolução Industrial, que deu início à produção em larga escala e por consequência a massificação da ideia do TER começou a ser cada vez mais veiculada pelos grandes industriários, detentores do capital.

A sociedade moderna consome de maneira desenfreada, apenas pela satisfação momentânea, ou por simples hábito já arraigado em sua vida. Não se preocupam em momento algum com as consequências ambientais geradas por este simples ato de adquirir.

Na realidade, o que se conclui é que a população não tem informação suficientemente clara e ostensiva, quanto a seus pequenos hábitos e as consequências deles. Grande parte da população, o que precisa é de uma boa

política de informação, utilizando assim a educação para o consumo como instrumento da educação ambiental.

A modificação desses hábitos pode ocasionar benefícios imensuráveis ao ambiente, é a grande corrente humana, ou seja, se cada um fizer a sua parte, atingiremos o objetivo macro que é a preservação da vida em nosso planeta.

O consumo sustentável, portanto, não vem impedir o TER, até porque não visa ao retrocesso social, mas vem sim para somar, para ensinar a TER, para que não apenas a sociedade atual possa usufruir do ambiente, mas também as vindouras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, J. C. *Desenvolver ou Preservar o Ambiente?* São Paulo: Cidade Nova, 1996.

BRANCO, S. M. *Ecologia da Cidade*. Editora Moderna. São Paulo, 1996.

CAVALCANTI, Clóvis. *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 429.

DIAS, Genebaldo Freire. *Educação Ambiental Princípios e Práticas*. São Paulo: Gaia, 1994.

GAMA, Hélio Zaghetto. *Curso de Direito do Consumidor*. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999.

IDEC. *Manual de Educação. Consumo Sustentável*. Brasília, 2002.

LOWY, Michael. *Ecologia e Socialismo*. São Paulo: Cortez, 2002.

MILARÉ, Édis. *Direito do Ambiente*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001.

MULLER, Charles C. *Manual de Economia do Meio Ambiente*. *Ve1:5ão Revista*, v. I, abril, 2001.

NEVES, Walter. *Antropologia Ecológica*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PEDRINI, A de G. *Educação Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PENTEADO, Heloisa de. *Meio Ambiente e Formação de Professores*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

REI GOTA, Marcos. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Meio Ambiente e a representação social*. São Paulo: Cortez, 1995.

RUSCHEINSKY, A. *Educação Ambiental abordagens múltiplas*. Rio Grande do Sul: Artmed, 2002.

SATO, M. *Educação Ambiental*. São Carlos: Rima, 2003.